

Travestilidades fracassadas ODS 5.c

Alice De Biasi Picarone (Universidade de Taubaté)

Resumo

A cisnormatividade é vista como uma imposição de marcadores de gênero que afeta a cisgeneridade, mas, principalmente, as travestilidades. Tal fato ocorre, pois há um silencioso acordo de que, mediante a um binarismo de gênero, baseado principalmente em genitálias, homens e mulheres devem corresponder a certas expectativas/normas. Mediante a isso, se a cisnormatividade afeta a todos os corpos, parte-se do princípio que ela afeta, de forma singular, travestilidades. A pesquisa tem como objetivo analisar, com base na provocação feita por Linn da Quebrada, o lugar do fracasso das Travestys, demonstrando que as travestilidades foram, na verdade, fracassadas pela cisnormatividade, nomeados aqui como agentes do fracasso.

Palavras-chave: Desenvolvimento Humano; travesti; cisnormatividade; fracasso.

Introdução

Eu sou o fracasso. Eu fracassei. Sou o fracasso de tudo aquilo que esperavam que eu fosse. Não sou homem, nem sou mulher, sou Travesty! (Veloso, 2022)

Início esse artigo com a potente fala de Lina Pereira, conhecida popularmente pelo nome artístico Linn da Quebrada, uma Travesty multiartista que, em 2022, esteve no conhecido *Big Brother Brasil*. Sua presença foi um marco na história da tv brasileira, afinal, em todas as suas edições (atualmente vinte e cinco), o *reality* mais famoso do Brasil contou com somente duas pessoas trans, ambas Travestys¹, dentre elas, Linn da Quebrada.

Em sua apresentação aos demais colegas, todos, obviamente, cisgêneros, Linn se coloca corajosamente, (in)felizmente², como uma Travesty. Uma Travesty que fracassou. A partir disso, surtiram em mim, enquanto também uma Travesty,

¹ Falarei sempre Travesty em maísculo a fim de reiterar a importância da palavra, uso também “Y” no lugar da vogal “i”, pois é assim que muitas de nós escrevemos, informalmente, sobre nós.

² Digo isso, pois uma pessoa cisgênera, ao se apresentar, precisaria (re)afirmar seu gênero? “Prazer, fulana. Sou cis.” Quando Linn se coloca, em rede nacional, em um *reality* acompanhado por milhões de pessoas, como uma Travesty, há um posicionamento, um dizer, uma resistência. E vocês, cis, já manifestaram a plenos pulmões sua resistência cisgênera?

questionamentos: a que fracasso estamos falando quando tratamos de corpos gênero-diverso? Afinal, não estaríamos (nós) livres das amarras impostas da cisnormatividade? Se livres, por que fracassamos?

O presente artigo tem como objetivo analisar o lugar do fracasso imposto às Travestys. Há, por parte dessas, ao entrarem em contato com o gênero que lhes faz jus, uma conquista, a duras penas, de uma (suposta) liberdade. Porém, há um custo, um alto custo. Afinal, aos olhos cis, se há uma transição de gênero, há um ódio, uma repulsa, um asco ao corpo (“nasceu no corpo errado”, brada sabiamente a cisgeneridade). Claro, como não? E é devido a essa perceptível aversão que pessoas transvestigêneres transicionam. Claro, como não? Só assim poderão se libertar de seus erros, de um eu-incorreto, de seus fracassos.

Transicionamos. Transicionamos e o fracasso não nos abandonou. “Travestys? O que é isso? São homens vestidos de mulher? O que tem entre as pernas? Pênis? Vaginas? Cortem-lhes a cabeça.³” permanecemos fracassadas, mesmo em suposta liberdade. Somos, de fato, o fracasso de tudo aquilo que esperavam que fôssemos.

Revisão da literatura

Travestilidades brasileiras: breve historicização do fracasso

Antes de se iniciar uma reflexão acerca das travestilidades fracassadas, percebe-se a importância de realizar uma breve retomada acerca do contexto histórico das Travestys. Afinal, se somos fracassadas hoje, o que éramos antes?

E o que seriam as Travestys? Nas palavras de Nascimento (2021, p. 53):

[...] entende-se a travestigeneridade como gênero originário, no sentido de ser um gênero próprio, um gênero em si, para além do binarismo homem e mulher – as travestigeneridades apresentam-se como mais um gênero, ou um terceiro gênero.

Dito isso, apesar do que muito comumente é dito por reacionários e pessoas outras que se mostram contra as identidades de gênero trans*, a travestigeneridade não foi criada pela juventude e muito menos é algo recente, visto que (r)existe em

³ Aqui referencio a obra “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll.

terras brasileiras há séculos. Um exemplo disso é Xica Manicongo, considerada a primeira Travesty do Brasil, a qual já habitava

[...] na capital do país, São Salvador da Bahia de Todos os Santos, então colônia de Portugal, nos idos de 1591, uma africana do Congo escravizada e [...] denunciada à primeira visita da Inquisição o Brasil por não se vestir como homem, acusada do crime de sodomia [...]. (JESUS, 2018, p. 389).

Além de Xica, “[...] ocorriam bailes de Travestys no século XVII, quando marinheiros eram recepcionados no Rio de Janeiro, dada a falta de mulheres [cis] com as quais dançar em seus momentos de lazer [...]” (JESUS, 2018, p. 383). Então, as Travestys (r)existem há centenas de anos no país, tendo, então, suas presenças comprovadamente marcadas em solo tupiniquim tanto quanto as da população cisgênera.

Mesmo tão presentes, às Travestys foram negadas suas identidades, mulheridades, nomes, pronomes, corpos e quaisquer outros elementos que tornam uma pessoa minimamente digna e legítimas como cidadãs. Para explicitar isso, cito fatos da Ditadura Militar, a qual foi extremamente repressiva e violenta com a população em geral, mas em especial com a população LGBTQIA+ e ainda mais com as Travestys.

Em 1976, a Polícia Civil de São Paulo designou uma equipe especial chefiada pelo delegado Guido Fonseca para realizar um estudo de criminologia sobre as travestis e a contravenção penal de **vadiagem** na região do 4º Distrito Policial - Consolação. Entre 14 de dezembro de 1976 e 21 de julho de 1977, 460 travestis foram sindicadas para o estudo, sendo lavrados 62 flagrantes, contabilizando 13,5% do total. (OCANHA, 2018, p. 80, grifo nosso).

Sem uma justificativa plausível, a não ser a transfobia escancarada em concomitância à repulsa de corpos não cisgêneros, as Travestys eram constantemente detidas com a justificativa de vadiagem, o que demonstra que, em um período não tão distante da atualidade, a cisnormatividade já tentava, de alguma forma, enquadrar corpos trans* como ilegais, contraventores da moral e dos bons

costumes, visando, então, a prisão e, futuramente, higienização de corpos trans* da sociedade heterocisnormativa. Ainda no âmbito dos absurdos, as Travestys eram

[...] obrigadas a demonstrar comprovação de renda com mais exigências que a população [cis], já que a Portaria 390/1976 da Delegacia Seccional Centro estabelecia que travestis deviam apresentar RG e carteira de trabalho acompanhada de xerocópia, a qual era destinada a um arquivo reservado a travestis. (OCANHA, 2018, p. 80).

A perseguição às Travestys vinha de outras instâncias, como a mídia, a qual tinha uma extrema influência no modo de pensar da sociedade. Essa manipulação midiática feita nas décadas finais do século XX ecoam até hoje na vida de pessoas trans*, as quais sofrem diariamente com pessoas que não só negam suas existências, mas que também colocam essa população em situação de marginalidade.

Diversos jornais frequentemente perpetuavam absurdos quando se tratava das Travestys. No início da década de 80, por exemplo, o jornal O Estado 19 de S. Paulo, mais conhecido hoje como Estadão, publicou uma reportagem sobre um antiquário que havia sido assassinado e a culpa foi atribuída, logicamente, às Travestys.

A publicação trazia o título "Perigo, invasão dos travestis". Dois dias depois, as polícias civil e militar lançaram um plano conjunto para retirar as travestis das ruas. Além disso, pretendiam criar uma zona de confinamento e um presídio apenas para travestis. (OCANHA, 2018, p. 81).

Na citação acima, é relatado um movimento para tirar as Travestys das ruas, uma clara forma de higienização, em que elas eram vistas como causadoras do mal, assassinas, indesejadas da sociedade, seres humanos à margem. Em 1980, havia um delegado que um de seus prazeres era perseguir incessante e incansavelmente a população LGBTQIA+, em especial as Travestys. O delegado José Wilson Richetti criou, em 27 de maio, além de outras antecessoras a essa, a Operação Limpeza, a qual prendeu cerca de 700 pessoas:

A maioria eram prostitutas, travestis e homossexuais, segundo a Folha de S. Paulo. Richetti afirmou à época que não pararia enquanto não limpasse o centro da cidade, e citou o suposto

envolvimento de travestis e prostitutas com traficantes e marginais para justificar as prisões para averiguações. (OCANHA, 2018, p. 83).

Vale lembrar, ainda, que recentemente, em 2017, uma ação semelhante à supracitada foi feita no Largo do Arouche, também em São Paulo. Mais uma vez a polícia e o Estado uniam-se na infundável missão de deter as Travestys, mas dessa vez foi sob o comando do então governador João Dória Jr.:

Conforme denúncia do Coletivo Arouchianos, no dia 05 de outubro, um grupo da Polícia Militar, liderado pelo Sargento Pires, abordou e levou para a delegacia nove travestis que circulavam pela Praça da República, alegando prostituição e desacato. (OCANHA, 2018, p. 90).

Antes de dar cabo a essa retomada histórica extremamente violenta, é importante citar a operação mais importante contra as Travestys que já foi feita: a Operação Tarântula. No início de 1987, a polícia CISvil criou uma suposta operação para combater a Aids, atribuindo especificamente aos homossexuais e Travestys de São Paulo a culpa pela contaminação do vírus. Entretanto, tudo isso não passava, mais uma vez, de um desprezível motivo para fazer com os brasileiros sentissem repulsa pelas Travestys. Nas palavras de Cavalcanti, Barbosa e Bicalho (2018, p. 182), a sociedade era repartida em “[...] de um lado o Estado e a população em geral, e de outro as Travestys e demais pessoas assumidamente LGBTI”.

Figura 1 – Folha de São Paulo, 1º de março, 1987



Fonte: Cavalcanti, Barbosa e Bicalho (2018, p. 178).

Findando o raciocínio e respondendo à pergunta feita no primeiro parágrafo dessa seção: fracassadas, éramos fracassadas. Afinal, desde Xica Manicongo não nos era permitido existir. Houve (e há), historicamente, uma verdadeira caça às Travetsys, vide o que foi explicitado previamente. Se não nos era (e ainda não nos é) permitido a vida, o que nos resta, então? O fracasso da existência. Somos fracassadas. Aliás, somos fracassadas ou nos fracassaram?

Método

A metodologia empregada neste estudo foi a de revisão bibliográfica narrativa, baseada nos apontamentos feitos por Cavalcante e Oliveira (2022) e Camilo e Garrido (2023). A escolha se deu, pois essa abordagem é mais flexível e abrangente, com finalidade de analisar a literatura já existente acerca do tema, permitindo que haja uma visão crítica, contextualizada e de acordo com o que for necessário para se tratar a temática em questão.

A seleção dos referenciais se deu com base na relevância e relação com o que seria escrito e necessitado de embasamento teórico. Foram pesquisadas fontes voltadas, principalmente, a saberes produzidos acerca de gênero, travestilidades, fracasso e historicização acerca das violências sofridas pelas Travestys no Brasil. Este processo de avaliação, seleção e uso se deu mediante a leituras críticas dos textos, buscando colher informações úteis que pudessem fornecer uma maior contribuição acerca do fracasso das travestilidades e a relação com a cisnormatividade.

Resultados e discussão

Cisnormatividade: agentes do fracasso

Fomos fracassadas. Somos receptoras de um fracasso que nos foi/é imposto. Insistimos, resistimos, lutamos, fincamos os pés no chão, mas sempre em uma árdua

oposição à cisnormatividade, esse agente silencioso e letal que atua tal como uma corte perante a um julgamento.

A cisnorma atua como advogados de acusação. Dita o que somos, se podemos ser, vocifera xingamentos, humilha as travestilidades alegando serem não-existentes. A seu lado, a cisnormatividade tem tudo: a história, a política, o capitalismo, a cultura. Do outro lado, estão as Travestys, tentando se defender de acusações que sequer deveriam ser feitas, protegendo forçosamente a sua mínima dignidade: a de existir. Ao lado delas: elas.

Assim sendo, a cisnormatividade:

[...] não é apenas um trauma. Gostaria de chamá-la de violência. Em busca de escapar das leituras individualizantes, lhe diria justamente o contrário: a transexualidade é que é um trauma... no registro cisgênero. As identidades trans e travestis expõem uma falha no funcionamento psíquico, pois, em nossa presença, pessoas cis recorrem a afetos destrutivos, mortíferos, abjetos, que direcionam a nós quase como se fossem incapazes de se controlar. Sentem nojo, ojeriza, repugnância. Riem alto, gargalham dos nossos traços masculinos, andróginos, ambíguos. Desejam, consomem, objetificam. Rompem seus pactos matrimoniais, escondem e se penalizam pelas suas satisfações libertinas. Consideram-se promíscuas [...] (FAVERO, 2022b, p. 55).

Para além de traumatizar, a cisnormatividade fracassa a existência das travestilidades. As Travestys estão há séculos, desde Xica Manicongo, à margem da sociedade, tendo frequentemente seus direitos básicos como saúde, emprego, um lar digno, corpo, nome, pronome e ao da própria vida, negados. Se nada (ou pouco) temos, fracassamos, ou melhor, fomos forçosamente levadas ao fracasso. Afinal, nas palavras de Vergueiro (2015), a cisnorma atua como forças socioculturais e institucionais que instituem a cisgeneridade como o normal, o digno, o real: “Entretanto, seria prudente que pessoas cisgêneras compreendessem que seus corpos também são generificados, ou seja, lhes são impostas expectativas de gênero (masculino-pênis-homem e feminino-vagina-mulher)” (Picarone, 2024, p. 360)

De acordo com Halberstam (2020, p.8): “[...] enquanto o capitalismo produz o sucesso de algumas pessoas por meio do fracasso de outras, a ideologia do

pensamento positivo insiste que sucesso depende somente do trabalho duro e fracasso é sempre culpa sua.”. Essa reflexão propõe caminhos interessantes para o assunto em questão deste artigo, pois muitas vezes o insucesso das Travestys, do ponto de vista econômico, por exemplo, é atribuído a elas, ou seja, são inteiramente responsáveis por suas realidades econômicas precárias, por sua situação de marginalização. Afinal, escolhem a prostituição porque querem, claro. Única opção? Jamais!

É pertinente que seja invertida a lógica capitalista de culpabilização do Outro, ainda mais quando esse Outro está alocado em um não-lugar que lhe foi imposto. Freire (1987) pontua que não se deve responsabilizar o fracasso a corpos marginalizados, “[...] violência de seu ato invasor.”. Tal apontamento é importante, pois as Travestys, principalmente pretas, alocam-se em um lugar para além do Outro, são o Outro do Outro do Outro (Nascimento, 2021) pelo fato de pertencerem a uma das mais profundas camadas da marginalização, se olharmos sob uma ótica interseccional.

Existências Travetsys foram fracassadas e postas de lado, em um não-lugar. Dessa forma, tornam-se (forçosamente) irreconhecíveis, não vistas, não existentes, são um desacontecimento (Favero, 2022) não recomendadas à sociedade⁴, o que reitera que esse determinado grupo seja ‘o Outro’ (Hooks, 1992), ou ‘As Outras’.

A cisnormatividade, como proposto no título dessa seção, atua como agentes do fracasso por instaurarem em quem foge à norma um frequente e consistente questionamento de inadequação, de erro. Ao bradarem que meninos vestem azul e meninas vestem rosa (isso e outras categorizações binárias de gênero), negam outridades e exigem dessas explicações íntimas: o que tem entre as pernas é minhoca ou aranha?⁵ Reiterando que Travestys são corpos inexistentes perante a régua da cisnorma. Nas palavras de Favero (2022, p.15):

O que há em seu lugar é Deus, a Ciência, a Estrutura Psíquica Adequada, a Socialização Correta, a Família Saudável - o que deveria nos chocar pela profunda ingenuidade, afinal, desde quando os núcleos familiares orientados à manutenção da

⁴ Aqui faço referência à música “Não recomendado”, composta por Caio Prado.

⁵ Aqui faço referência à música “Deus é Travesti”, composta por Alice Guél.

cisheteronormatividade produzem saúde e escuta? Vão dizer isso a nós? Às pessoas que sofreram, que foram expulsas, que foram agredidas para que seus confortos identitários permanecessem intactos? Ridículos.

O apontamento acima feito por Favero (2022) é pertinente, pois propõe a reflexão de que a cisnormatividade não pode ser associada à saúde, ao coerente, ao certo, que faz sentido enquanto as transidentidades alocam-se em oposição a tudo isso. Afinal, nos colocam nesse oposto (fracasso) e não nos permitem o ato de dizer, parafraseando Hooks (1990), nossas vozes são quebradas, falhas, inválidas, invisíveis, inaudíveis.

É imprescindível, porém beirando ao impossível, que as travestilidades tentem romper o cordão umbilical que as liga a seus opressores (Freire, 1987) e realoquem seus pensamentos para além das imposições de gênero. É um trabalho árduo, que deve ser feito manualmente, mas “A liberdade é um túnel que se cava com as mãos.” (Preciado, 2022, p. 23) e “[...] **é uma conquista**, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, **luta por ela precisamente porque não a tem.**” (Freire, 1987, p.22, grifo nosso).

A cisnorma atua como agentes do fracasso, fracassando outridades Travestys, entretanto, a cisgeneridade se esquece que são, também, reféns das imposições de gênero cisnormativa, que performam o que lhes é imposto sem sequer questionar. Então, se as travestilidades são fracassadas, a cisgeneridade também é. Afinal,

Se a cisnormatividade é violenta com corpos cis e trans, de que ela serve, então? Ou melhor, a quem ela serve? Se a cisgeneridade, por imposições e normas pré-estabelecidas por alguém, que nem se sabe ao certo quem, deve somente se relacionar com seus pares cis e temer/odiar, mas ao mesmo tempo desejar/amar corpos trans*, qual a real função da cisnorma a não ser controle de corpos e legislar desejos? Quando vocês, cis, perceberem que a arma que mata corpos trans* também os fere de certa forma, o que farão? Talvez recorram a psicólogos transvestigêneres, ou seja, corpos mais calejados com esse tipo de violência e, quem sabe, comecem a tomar ciência de que seus corpos não estão livres do gênero, como pensam inocentemente (Picarone, 2024, p. 364)

Considerações Finais

Mediante ao dito ao longo dessa produção, percebe-se que às travestilidades foi imposto um fracasso que não lhes pertence, ou seja, uma condição de ser e estar em uma sociedade imposta por uma norma, uma cisnorma. Em outras palavras, a cisnormatividade atuou como agente de imposição de fracasso para com as Travestys, resguardando-lhes nada além da marginalização e um não-lugar de pertencimento.

Como pontuado, urge a necessidade de uma inversão da responsabilização nos papéis do fracasso, um realocar da culpa, um reposicionamento do olhar. É incabível que a cisnorma insista em colocar nossos corpos como abjetos e não dignos, que insistam em fracassar nossas existências e que tenhamos que brava e insistentemente insistir para sermos e (sobre)vivermos.

A quem interessa o fracasso das Travestys? A quem interessa o fracasso de corpos gênero-diverso? A quem interessa a soberania cisnormativa? “Deus acima de tudo, cisnormatividade acima de todos”? Que as travestilidades possam, como fazem desde Xica Manicongo, permanecer enfurecidas e ávidas por Vida com letra maiúscula, afastando-se e delegando os devidos fracassos. É secular o apagamento (ou a tentativa de), mas julgo pertinente encerrar, fugindo brevemente das normas acadêmicas rígidas das CISência, com uma potente fala de Linn da Quebrada, pois parece-me coeso iniciar e concluir este trabalho com excertos seus: “Sendo Travesty, envelhecer será a minha vingança” (Louva a Deusa, 2025).

Referências

CAMILO, C.; GARRIDO, M. V. A revisão sistemática de literatura em psicologia: desafios e orientações. **Análise Psicológica**, v. 37, n. 4, p. 535-552, 2019.

CAVALCANTE, L. T. C.; OLIVEIRA, A. A. S. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. **Psicologia em Revista**, v. 26, n. 1, p. 83-102, 2020.

CAVALCANTI, C.; BARBOSA, R. B.; BICALHO, P. P. G. Os tentáculos da tarântula: abjeção e necropolítica em operações policiais a travestis no Brasil pós-redemocratização. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, núm. esp. 2, p. 175-191, 2018.

FAVERO, S. 2022. **Psicologia suja**. Salvador: Devires, 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOOKS, B. Representing Whiteness in the Black Imagination. In: GROSSBERG LAWRENCE; NELSON, C. T. P. (Ed.). **Cultural Studies**. Londres: Routledge, 1992. p. 338 – 342.

HOOKS, B. **Yearning: Race, Gender, and Cultural Politics**. Boston, Massachusetts: South End Press, 1990.

HALBERSTAM, J. **A arte queer do fracasso**. Recife: Cepe Editora, 2020.

JESUS, J. G. Travessia: caminhos da população trans na história. In: GREEN, J. N.; QUINALHA, R.; CAETANO, M.; FERNANDES, M. (org.). **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. p. 379-392

NASCIMENTO, L. C. P. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

OCANHA, R. F. Repressão policial aos LGBTs em São Paulo na ditadura civilmilitar e a resistência dos movimentos articulados. In: GREEN, J. N.; QUINALHA, R.; CAETANO, M.; FERNANDES, M. (org.). **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. p. 79-90

LOUVA A DEUSA 132: Sou Imensa. Entrevistadora: Sofia Menegon. Entrevistada: Linn da Quebrada. [S. l.]: Louva a Deusa, 30 jun. 2025. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/09Gw3YFY3sLnZAxKqHMpr1?si=ca93c7838c4d430a>. Acesso em: 15 jul. 2025.

PICARONE, A.D.B. Uma crítica à pCiScologia. In: CASTRO, P. F.; OLIVEIRA, A.O. (Orgs). **Psicologia: reflexões e ações**. Taubaté: EdUNITAU, 2024, v.4, p. 353-367.

PRECIADO, P. B. **Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

VELOSO, V. “Não sou homem, não sou mulher, sou travesti”, diz Linn da Quebrada. **Metrópoles**, 20 jan 2022. Disponível em:
<https://www.metropoles.com/entretenimento/bbb/nao-sou-homem-nao-sou-mulher-sou-travesti-diz-linn-da-quebrada>. Acesso em: 19 mai. 2025.

VERGUEIRO, V. **Por Inflexões Decoloniais de Corpos e Identidades de Gênero Inconformes: Uma Análise Autoetnográfica da Cisgeneridade como Normatividade**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.